

JACQUES LACAN: O INCONSCIENTE ESTRUTURADO COMO UMA LINGUAGEM

Elaine de Oliveira

Este trabalho pretende descrever as contribuições de Lacan no âmbito do Inconsciente, onde ele ampliou essa concepção de Freud para o campo da linguagem. Este texto foi baseado nos Conceitos Fundamentais da Psicanálise, com os seguintes temas: “Introdução ao ensino de Lacan” e “O inconsciente em Freud e Lacan”.

Sigmund Freud, em sua extensa obra, como: o Projeto para uma Psicologia Científica (1895), A interpretação dos sonhos (1900), Psicopatologia da vida cotidiana (1901), O Chiste e a relação com o inconsciente (1905), demonstrou desde o início de suas pesquisas e observações, a preocupação em decifrar o que seria o inconsciente e suas manifestações. Tendo em vista os atos falhos, os chistes, os sonhos e esquecimentos de nomes próprios, por exemplo. Evidenciam-se essas enumerações com a seguinte citação: “Ao longo de nossa discussão sobre as tendências dos chistes ganhamos talvez uma maior clareza e, por certo, encontramos estímulos para novas investigações” (FREUD, [1905] 2017, p.166).

Essa busca por respostas pelo inconsciente fez com que ele estivesse zeloso em flexibilizar suas hipóteses e acrescentando o reconhecimento do sujeito pela sua própria história. Sendo assim, a inclusão do discurso do paciente, como forma de pronunciamento do inconsciente (freudiano). Justifica-se essa colocação pelo caso de Anna O. (1883), onde Freud e Breuer compreenderam sobre a importância da fala no processo analítico, resultante do relato da paciente sobre o “*talking cure*”, onde após a externalização de suas angústias e lembranças na sessão, sentia-se aliviada no dia seguinte. Ressalta-se que essa inserção da fala, não está relacionada com a teoria que Lacan introduzirá posteriormente, baseado numa referência linguística.

Então, Lacan, percebendo algumas particularidades ligadas à fala de seus pacientes durante os atendimentos, fez com que ele revisitasse os textos de Freud, citados no início da resenha. Dentre eles, Lacan comprova que na obra de Freud, “A interpretação dos sonhos”, havia uma demonstração na fala dos analisandos de uma organização da linguagem, que estava para além de uma simples sintaxe. Ele exemplifica: “Que retomemos a obra de Freud na *Traumdeutung*, para ali nos

relembrarmos que o sonho tem a estrutura de uma frase, atendo-nos à sua letra” (LACAN, [1953] 1998, p.268). Ou ainda ([1953] 1998, p.269):

“É na versão do texto que o importante começa, o importante que Freud nos diz na elaboração do sonho, isto é, em sua retórica. Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão e repetição, aposição, são deslocamentos sintáticos, metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ... com que o sujeito modula o seu discurso onírico.”

Em 1953, Lacan introduz o conteúdo da “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” e reforça a necessidade de uma retomada dos conceitos de Freud, a fim de que a técnica psicanalítica de ouvir o paciente se faça de uma maneira diferenciada e assertiva. Afirmando que: “Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo da linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (LACAN, [1953] 1998, p. 247). Com isso, ele exprime a necessidade mais do que saber os conceitos elencados por Freud, é de que o analista deva estar atento a fala do analisando. Não no sentido de somente prestar atenção, mas que por meio da fala dele, possivelmente, tenha algo que está para o além do não dito.

Na sequência desse regaste, Lacan interessou-se pela teoria do linguista Ferdinand de Saussure sobre a Linguística Estrutural. Não com o intuito de aplicá-la rigorosamente à psicanálise, mas visando uma adaptação aos elementos que aparecem na prática psicanalista. No texto: “A instância da letra no inconsciente” (1957), Lacan citará uma série de aulas sistematizadas pelos alunos e amigos de Saussure¹, onde a ele aborda a estrutura de comunicação da língua. A qual existe um signo, um significante e um significado.

Para Saussure, o signo de uma língua dá-se pelo conjunto de palavras aprendidas pelo sujeito, ordenadas de uma forma a se fazerem entendidos pelo outro. Para ilustrar melhor o raciocínio, Lacan demonstra no livro [1957] 1998, p. 502) a escrita da palavra árvore e abaixo a sua representação em desenho. Com isso, ele explica que na parte de cima seria o significado, cujo conceito é mais aparente. E embaixo, seria o significante,

¹ O autor explica que o legado deixado por Saussure, em cursos, foi reunido pelos alunos e publicados sob o título de Curso de linguística.

o qual é a imagem acústica. Após começar a esmiuçar os conceitos da linguística e colocar o seu posicionamento perante as articulações das falas dos pacientes, ouvidas e apreendidas em seu consultório, Lacan subverte a ordem dos algoritmos $\frac{S}{s}$, justificando que quando um sujeito verbaliza, algo desliza entre um significante e outro. “Ora, a estrutura do significante está, como se diz comumente na linguagem, em ele ser articulado” [1957] 1998, p. 504).

Essa nova formulação do algoritmo, pensado por Lacan, baseia-se na representatividade de cada sujeito, isto é, o modo como cada um vai realizar a sua cadeia significante. Portanto, na parte superior do algoritmo, o “S” retrata o significante, o “s”, o significado e a barra, o inconsciente. Descreve-se:

“Os significantes só se puderam constituir na simultaneidade em razão de uma estrutura muito definida da diacronia constituinte. A diacronia é orientada pela estrutura. Freud indica bem que, para nós, ao nível da última camada do inconsciente, lá funciona o diafragma, lá onde se estabelecem as pré-relações entre o processo primário e o que dele será utilizado no nível do pré-consciente.” (LACAN, [1964] 2008, p. 52)

A finalidade para essa mudança na ordem dos algoritmos deu-se pela questão do inconsciente, que aparecerá na associação livre do analisando, por meio das figuras de linguagem como: metáfora e metonímia. Dessa maneira:

“A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.” (LACAN, [1957] 1998, p. 510)

No Seminário 3, no texto “Metáfora e metonímia (I)”, Lacan recorre a outro linguista chamado Roman Jakobson ([1956] 1988, p.258), para complementar o seu raciocínio sobre essas figuras de linguagem, articulando com os termos de condensação e deslocamento, citado por Freud em “A interpretação dos sonhos” (1900). Comprova-se essa operação citando FERREIRA (2002), onde ela expõe:

“Lacan, interpretando Jakobson, define a metáfora e a metonímia como sentidos figurados, que se originam das operações de substituição (metáfora) e de combinação (metonímia) e estabelece as seguintes correspondências com Freud: a metáfora com a condensação e a metonímia com o deslocamento”.

A metáfora seria essa relação entre dois termos, a qual aparece como uma substituição de sentido conotativo, relacionando a condensação, que seria mais rica, na comparação de unificar símbolos, combinando com vários termos, mas ainda mantém o conteúdo reprimido. Já a metonímia fará uma transferência de termos, como se fosse uma metáfora menos enriquecida, mas ainda há um sentido.

Essa junção desses termos justificará a famosa frase dita por Lacan: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” ([1954] 2008, p. 27), pois enquanto seres falantes, somos habitados pela linguagem.

Diante do exposto, concluo essa resenha crítica, abordando as colaborações de Lacan para o favorecimento da prática psicanalítica, onde a inclusão da linguagem do analisando faz-se necessária para o enriquecimento da escuta do psicanalista, o qual perceberá as manifestações do inconsciente, por meio da cadeia de significantes apresentadas na fala do paciente.

REFERÊNCIAS:

FERREIRA, Nadiá Paulo. **Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.5, n.1,p. 113-132, jan/jun 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/zzfHvD4sJg4RgTVzXqMN6Hv/?lang=pt>>. Acesso em 20 jan. 2023.

FREUD, S. **Obras completas, volume 7: o chiste e sua relação com o inconsciente (1905) / Sigmund Freud**; tradução Fernando Costa Mattos e Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Obras completas, volume 2: estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer / Sigmund Freud**; tradução Laura Barreto; revisão Paulo César de Souza. - São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LACAN, Jacques. **Escritos / Jaques Lacan**; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956 / Jaques Lacan**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Aluísio Menezes]. – 2ªed. Revista. - Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964 / Jaques Lacan**; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. Magno – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.